SETOR SUCROALCOOLEIRO

POLÍTICAS DE INCENTIVO À PRODUÇÃO

CAROLINE NAKAMOTO DOS SANTOS
Aluna de Graduação do curso de Administração da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" da Universidade de São Paulo (Esalq/USP)

FERNANDO PAULI DE BASTIANI
Aluno de Graduação do curso de Administração da Esalq/USP

JOSÉ VICENTE CAIXETA FILHO
Professor titular da Esalq/USP

O SETOR sucroalcooleiro vem enfrentando situações desfavoráveis, em que, mesmo sem a retração da produtividade, não se impediu que várias usinas, ao longo dos últimos anos, fechassem suas portas, inclusive em São Paulo, maior estado produtor de cana-de-açúcar do Brasil.

Possíveis propostas de políticas para que o setor enfrente toda a situação atual e se recupere devem incluir o aumento da mistura de etanol anidro na gasolina, o incentivo à inovação tecnológica dos motores movidos a etanol e o aumento do uso da bioeletricidade gerada pelo bagaço da cana-de-açúcar e pelo álcool de segunda geração.

O etanol de segunda geração, também denominado etanol celulósico, é obtido por meio da palha e do bagaço da cana-de-açúcar, o que pode aumentar ainda mais o potencial produtivo do País, incrementando assim a produção de etanol sem necessariamente aumentar a área plantada, com a vantagem de aproveitar os subprodutos da moagem, além da possibilidade de produção no período de entressafra.

A facilitação de práticas relacionadas ao incremento de operações de fretes de retorno também deve ser considerada. O aumento da porcentagem de anidro na gasolina impulsionou a demanda por este etanol nas usinas, o que gerou um ciclo logístico pontual, que consistia em movimentar álcoois anidro e hidratado das usinas localizadas na região Centro-Oeste até as bases de Paulínia e Guarulhos, no estado de São Paulo. Para não retornarem vazios, tem-se a possibilidade da movimentação de diesel a partir destas bases – como frete de retorno – até a região na qual o álcool foi originado.

FECHAMENTO DAS USINAS

Nos últimos anos, observou-se uma mudança de prioridades e o País realizou poucas políticas públicas benéficas para o setor sucroalcooleiro. O pré-sal, por exemplo, que ainda vem tomando a atenção do Governo, não realiza busca por energias alternativas e menos poluentes, como aquelas que países do exterior têm adotado.

Um dos fatores que levaram à perda de competitividade do etanol frente à gasolina foi o fim da CIDE (Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico), cobrada sobre a gasolina e o diesel, tendo sido suspensa em junho de 2012, mas retornando em janeiro de 2015. Com a desoneração deste imposto, a gasolina – combustível fóssil, poluente e finito – ganhou espaço frente ao etanol – combustível renovável e não poluente –, já que este último perdeu competitividade.

No período de 2008 até 2014, 83 usinas foram fechadas devido a dificuldades financeiras. Destas usinas fechadas, 64 encontram-se na região Centro-Sul, enquanto as outras 19 concentram-se na região Norte-Nordeste. Em razão disso, a capacidade de processamento foi bastante reduzida,

sendo que, juntas, as unidades representam uma capacidade de moagem de 75,4 milhões de toneladas de cana-de-açúcar.

Das 439 unidades do território nacional, apenas 343 continuam funcionando dentro da normalidade. Com isso, o setor sucroenergético ficou 20% menor no ano de 2009, período de início do governo Dilma Rousseff. A safra 2015/16 já se iniciou com o fechamento de duas usinas da Biosev, sendo umas delas localizada em Morro Agudo-SP e outra em Lagoa da Prata-MG.

Em meio a essa crise, um seleto grupo de usinas conseguiu escapar desse momento que atinge o setor. A maioria delas localiza-se no estado de São Paulo e apresenta grande capacidade de moagem, entre 5 e 15 milhões de toneladas por ano.

Estas usinas, mais capitalizadas e que sobreviveram à crise, vão optar por maior produção de açúcar, pois elas podem estocá-lo e esperar por melhores preços. Os grupos menores utilizarão o etanol para maior liquidez do fluxo de caixa.

Diante dessa instabilidade, a alternativa encontrada pelas usinas mais capitalizadas foi a aquisição das usinas que decretaram falência. Nesse sentido, destaque-se que o número de fusões no setor sucroenergético aumentou consideravelmente no ano de 2015.

IMPACTOS ECONÔMICOS E SOCIAIS

Os impactos econômicos ocorreram em vários âmbitos. O fechamento das usinas, muitas vezes localizadas em cidades menores – onde suas atividades empregavam boa parte da população –, culminou na extinção de postos de trabalho, tanto diretos, como indiretos.

Como exemplo desse resultado catastrófico da crise, têm-se dois munícipios localizados no Triângulo Mineiro, as cidades de Canápolis e Capinópolis, onde foram perdidos cerca de 4 mil empregos diretos e indiretos.

Além dos prejuízos dos trabalhadores, há também perdas na arrecadação municipal. ■

Nota: este artigo é baseado em trabalho de estágio desenvolvido pelos dois primeiros autores sob a supervisão do terceiro autor.



ISTOCKPHOTO